

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ-UVA
CENTRO DE FILOSOFIA, LETRAS E EDUCAÇÃO (CENFLE)
DISCIPLINA: LEITURA E ESCRITA
CURSO: LETRAS-HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSOR: VALDEMAR FERREIRA DE CARVALHO NETO
ACADÊMICA: PATRÍCIA ALVES PEREIRA

A INSERÇÃO DA LITERATURA NA APRENDIZAGEM LECTOESCRITA

RESUMO: O trabalho tem por objetivo compreender de que forma a inserção da literatura no ensino atual, pode contribuir para o aprimoramento da leitura e da escrita dos alunos do Ensino Médio e apresentar discussões, principalmente sobre a maneira de trabalhar os textos literários em sala de aula. Tomei como base para este estudo as pesquisas de Allende (1987), Colomer (2002), Ferreiro(2001), Sarmiento (2010) e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio . A conclusão a que se chegou é a de que a literatura tem o poder de estimular o ensino, oferecer novas práticas educativas voltadas para a interpretação da realidade, do contexto social e do uso da língua.

1 INTRODUÇÃO

A espécie humana representa sua linguagem simbolicamente e comunica-se através de um sistema de signos, elaborados para nos socializarmos. A lecto-escrita tem uma existência recente, de acordo com Colomer, entre cinco mil e três mil anos.

A língua escrita pode ser considerada como um instrumento de relação entre o ser humano e o mundo. Enquanto a leitura, além de servir para decifrar signos gráficos, é um ato que requer raciocínio, interpretação da mensagem escrita, proporcionando conhecimento da informação.

Este estudo tem o propósito de compreender de que forma o estudo da literatura pode contribuir para o ensino da língua escrita e o estímulo à leitura da infância até o Ensino Médio. Surgiu a ideia de fazer o estudo sobre o assunto para compreender as dificuldades dos alunos do Ensino Médio com relação à compreensão dos textos e a importância da literatura para a vida escolar dos alunos, porque ela pode abrir novos horizontes para o mundo da leitura e da escrita, através das produções literárias. Auxilia na interpretação dos textos e da realidade, bem como contribui para os alunos tornarem-se aptos para fazer avaliações em universidades e concursos .

Considero que trabalhar com textos literários é uma prática positiva para os alunos e o conhecimento da literatura é favorável porque permite o contato com a aplicação da língua no contexto. A escola pode estabelecer práticas de ensino que utilizem adequadamente os textos literários, de modo que favoreçam à leitura, a escrita e o aprendizado dos estudantes.

O trabalho foi realizado com base nos estudos de Allende(1987), Colomer (2002), Ferreira(2001), Sarmiento (2010) e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Fundamentado na pesquisa qualitativa e na bibliográfica.

Procurei aproveitar o mais relevante das pesquisas e dos livros dos autores, para entender a importância da literatura e a riqueza de conteúdos que ela proporciona, principalmente se o professor aplicar adequadamente, em sala de aula os textos literários.

Espero que o estudo apresentado seja útil, principalmente na prática educativa, porque a escola e as metodologias educativas têm que mudar esse olhar mecânico de educação e abrir espaço para uma educação inovadora voltada para um ensino que auxilie a interpretar o mundo e as palavras e não somente gravar informações.

2 HISTÓRIA DO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA

Existiram alguns métodos de alfabetização até chegarmos ao que temos hoje. Podemos dividir as metodologias de alfabetização em três fases: o ensino filológico; o ensino normativo e o ensino linguístico funcionalista.

Na primeira fase, do ensino filológico, temos uma alfabetização voltada para a etimologia e latinidade das palavras. Na segunda fase, do ensino normativo, baseia-se no método sintético de alfabetização, nele temos um ensino voltado para o estruturalismo linguístico e enfatiza a língua materna. O processo de aprendizagem se dá pelo estudo das unidades menores da palavra, fonemas e morfemas, para só depois estudar a palavra completa. Na terceira fase, temos o ensino linguístico funcionalista, baseado nos estudos sociolinguísticos, psicolinguísticos e no método analítico de alfabetização.

O ensino linguístico funcionalista propõem analisar a língua em seu funcionamento, a língua “viva”, o estudo do contexto das palavras, na fala e na

escrita, interpretando os textos e o emprego das palavras na sociedade, utilizando, inclusive a literatura para promover a cultura da leitura e da escrita.

Não podemos deixar de ressaltar os estudos da Psicogênese da escrita, teoria acerca das dificuldades de leitura e escrita, dos estudos do psicólogo Jean Piaget , assim como Emília Ferreiro e Ana Teberosky que produziram uma obra revolucionária para as metodologias de ensino, o livro “ Teoria da Psicogênese”.

É óbvio que alguns materiais utilizados nas escolas, ainda resguardam muitos aspectos do método sintético de alfabetização, contudo podemos perceber grande aperfeiçoamento, porque o professor ao aplicar um texto para a turma pode contextualizar, analisar e interpretar com seus alunos e depois estudar os aspectos gramaticais.

O ensino atual deve estimular a aprendizagem do aluno de modo que ele eleve seu pensamento, tornando-se crítico, autônomo, sociável e seja capaz de compreender o uso da língua de modo que ela expresse suas vivências e seu modo de ver a vida.

3 A LITERATURA E O ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA E DA LEITURA

Segundo Emília Ferreiro a Psicogênese da língua escrita demonstrou, incontestavelmente, que a aprendizagem iniciava muito antes e sem a mediação do ensino formal e sistemático de um adulto, pois a criança participa dos contextos sociais, de produção e da interpretação da língua escrita.

A escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário.” Uma afirmação sobre a qual Ferreiro volta continuamente já se anunciava nessa obra fundadora como um diagnóstico do que era a escrita no sistema educativo (um objeto meramente escolar) e, ao mesmo tempo, uma proposta do que deveria ser para contribuir com a democratização da língua escrita. Ferreiro (2001, p.09)

A escrita deve ser interpretada como algo cultural e de relevante importância para o indivíduo que é um ser social e utiliza muito a escrita para expressar sua linguagem. É necessário observar que a literatura pode contribuir bastante tanto para o ensino da língua escrita, como ajudar o aluno a desenvolver sua capacidade de ler, porque vai estimular o raciocínio, a imaginação e vai colocar o indivíduo em contato com novas visões de mundo e com várias culturas, de modo que aprenda

sua língua através de um contexto rico em informações. Antes, na década de 70, a literatura não era vista como algo tão funcional e os métodos de utilização eram vagos. Explica Emília Ferreiro:

No começo da década de 70, a literatura podia se classificada facilmente em dois grandes grupos: de um lado , estava a literatura psicológica que listava as habilidades (por exemplo, as coordenações sensório-motoras que a criança devia ter para iniciar com sucesso a aprendizagem da leitura); do outro, estava a literatura pedagógica, embaraçada na eterna discussão sobre qual é o melhor método para ensinar a ler e a escrever. Ferreiro (2001, p.17).

Na literatura da década de 70, Ferreiro comenta que não encontrava a criança piagetiana, podemos observar a definição dessa criança a seguir:

É a criança que tenta compreender o mundo que a rodeia, que formula teorias experimentais acerca desse mundo; uma criança para quem praticamente nada é estranho. Nessa literatura, tal criança não existia. Porque tudo era exposto a partir da ação do professor. Ferreiro (2001, p.17).

Emília fala ainda que a literatura mencionada antes, a psicológica e a pedagógica, era de uma tristeza infinita, e a literatura histórica de repente ajudou a pensar de outra maneira. Então ela pensou: “ Não vamos entender nunca o desenvolvimento da criança, se partirmos de nossas hipóteses como usuários de um sistema alfabético. Na literatura psicológica, são filtradas todas as pressuposições que um adulto já alfabetizado tem. Segundo sua visão, o que temos de fazer é recuperar os olhos do alfabeto que nós mesmos fomos alfabetizados, recuperar essa visão de analfabeto ou de pré-analfabeto.

A visão de literatura, antes, era demasiadamente mecânica, de modo que não dava abertura nenhuma ao diálogo. O professor arbitrário era quem sabia de tudo e repassava. E a escrita era algo que o aluno tinha por obrigação de aprender e não algo que fosse estimulado naturalmente.

A escrita não era objeto de ninguém , com exceção do professor do primeiro ano do Ensino Fundamental, que havia se apropriado dele de tal maneira que o havia transformado, ou seja, a escrita havia sido transformada de objeto social em objeto escolar. (...) A escrita transformou-se em um instrumento para passar de ano. É preciso sermos enfáticos: a escrita é importante na escola pelo fato de que é importante fora da escola, não o contrário Ferreiro (2001, p.33).

O indivíduo constrói seu pensamento e o representa da forma que desejar, a leitura estimula esse pensamento individual, ajuda a formar opinião, a adquirir

conhecimento e a escrita é um dos modos de expressar o pensamento e o tornar coletivo.

Se a escrita oferece uma representação, o leitor deve reconstruir o objeto que não está ali, mas que apenas foi representado deixando de lado muitas de suas propriedades essenciais para uma comunicação eficaz. Por outro lado, é preciso levar em conta que para a criança (felizmente e desde muito cedo) uma escrita é um conjunto de letras e não uma letra isolada, ou seja, é um conjunto de partes". Ferreiro (2001,p.72)

As escolas se preocupam com o ensino da escrita e o estímulo à leitura no Ensino Fundamental, quando vão alfabetizar as crianças e depois não dão a devida importância, voltando o olhar para a aplicação de textos e interpretação no Ensino Médio, quando os jovens têm que ser preparados para o ENEM, para o vestibular, para concursos. Um dos erros do ensino se encontra nesse ponto, porque a criança deve ser estimulada desde muito cedo ao hábito de ler, conhecer as letras, de escrever, mas deve ser algo contínuo, em todos os anos da vida escolar, para quando chegarem ao Ensino Médio, estarem aprimorados e com maior facilidade. Emília fala um pouco sobre isso:

Desde muito cedo a criança deve tomar decisões: deve escolher e pôr várias grafias, qual pode ser a primeira, a seguinte e qual pode ser a última. Essas decisões levam muito tempo, que habitualmente é mais prolongado do que o processo de leitura, exceto quando estamos diante de uma decifração(...) A escola é uma das instituições mais conservadoras que existem na sociedade. As mudanças no sistema escolar são lentíssimas. Em algum texto, eu disse que o único avanço que via nas últimas décadas era o desaparecimento do castigo corporal. Ferreiro (2001, p. 72 e 105).

A experiência escolar tem que servir de guia para o aluno centrar-se na sociedade, aprender sua língua de modo que contribua para crescer individualmente e socialmente. Dar a didática do ensino e também estimular o aluno a fazer suas escolhas. Ao trabalhar a literatura, o professor pode oferecer grande número de obras para que os alunos escolham as que se identificarem, de modo que estimule o conhecimento, a leitura e as estruturas dos textos escritos. Emília abre nossos olhos para essa questão da experiência escolar:

Grande parte da experiência escolar teria de ser o aprendizado das rotas que levam ao saber acumulado durante séculos pela humanidade, mas continua sendo o professor o que sabe, e o que sabe-tudo. Ele é quem decide quando recorrer ao livro. É curioso que nem sequer a cultura escrita tenha entrado na escola(...) Se você

realmente aceita o que o outro pensa, assume que pensa de uma maneira diferente da sua, que não se deduz a partir da sua, você tem de conseguir que o outro o ajude a entender como pensa. Estas são as bases do respeito intelectual. Ferreiro (2001, p. 106 e 123).

O professor deve assumir que não sabe de tudo e não é um ser superior, deve entender que é um orientador de aprendizagem e que pode, se quiser, aprender muitos com seus alunos, principalmente se houver uma relação de troca de experiências em sala de aula, de professor para aluno, de aluno para professor e de aluno para aluno, de modo que o ensino de literatura pode proporcionar isso, se o professor estiver de mente aberta.

Temos que ser realistas e perceber também que não é fácil saber como ensinar língua na escola, já que as ciências envolvidas nesses estudos, as psicopedagógicas e sociológicas, estão imersas em uma proveitosa renovação de suas proposições. Essa situação é estimulante e positiva para os pesquisadores, mas desorientadora para o professor, porque fica sem orientação devida e sem referentes teóricos bem definidos.

No campo do ensino, unir teoria e prática, pode ser definido como: orientar uma prática fundamentada teoricamente e, ao mesmo tempo, fazer uma reflexão teórica sobre a prática todos os dias, o que é algo complicado, precisando ter muita determinação e empenho. Podemos complementar esse raciocínio com a citação de Colomer e Camps:

Embora a criação de contextos reais de leitura seja a base da educação leitora na escola, também é preciso prever a necessidade de intervenções específicas que ajudem os alunos a desenvolver melhor e mais rapidamente as capacidades e habilidades envolvidas no ato de leitura. A parte mais importante dessas intervenções deve ser voltada a facilitar o acesso à compreensão global do texto escrito. T. Colomer e A. Camps (2002, p. 100).

O professor pode utilizar mecanismos que facilitem o ensino e contribua para que o aluno tenha gosto pela leitura, propiciando, por exemplo, um ambiente favorável a leitura e a produção de textos. Segundo Colomer e Camps, o prazer pela leitura pode ser despertado com textos que tenham uma linguagem que os alunos entendam:

Para que o aluno avance na capacidade de ler textos de complexidade crescente não basta que leia muito. Poderia ocorrer, e de fato ocorre, que o aluno se instale em um tipo de leitura (livro de

aventuras, por exemplo) e evite outros tipos de livros, porque tem muita dificuldade em lê-los e não dispõe de meios para interpretar tais obras.(...) A função do professor é ajudar os alunos nesse caminho: proporcionar-lhes o “andaime” que lhes permita ir além do que poderiam ir solitariamente(...) O professor deverá prever, portanto, uma gradação dos textos literários e não literários mediante os quais quer fazer com que seus alunos avancem, partindo, naturalmente, dos que lhes são mais próximos e baseando-se nos conhecimentos que têm em cada momento. T. Colomer e A. Camps (2002, p. 100 e 101).

É importante ressaltar que existem muitas maneiras de trabalhar o texto literário em sala de aula, uma delas é o trabalho com obras que sugiram uma relação com as vivências dos alunos e o entendimento dos alunos depende do direcionamento, explicação e da metodologia do professor.

As ajudas à compreensão profunda de um texto literário têm oportunidade de produzir-se nas situações, muito frequentes na escola, nas quais todos os alunos têm, comentam e realizam exercícios de compreensão sobre um mesmo texto. O trabalho pode ser dirigido ao aprofundamento de um texto inteiro breve (uma poesia, um conto curto, etc.) ou à leitura minuciosa de uma obra narrativa completa. T. Colomer e A. Camps (2002, 101).

Segundo Felipe Allende a leitura está longe de ser um processo passivo, todo texto, para ser interpretado, exige uma ativa participação do leitor. O domínio da leitura não só leva a ler bem como também significa a aquisição de um instrumento ligado à vida cultural do leitor.

As leituras de poesia e prosa poética geralmente estimulam o adolescente a criações pessoais. A criatividade é frequentemente incitada por uma ideia extraída de um texto, pela oportunidade que a leitura dá de criar imagens na mente. Na leitura a mente converte os símbolos gráficos abstratos em sons, os sons em palavras e as palavras em estruturas linguísticas que, ao refletir experiências, se ligam à imaginação rica e geradora de sentimentos. Allende (1987, p.21).

Para Felipe Allende, um dos fins do ensino de leitura é possibilitar o acesso às obras literárias. As obras literárias constituem um modo específico de expressão. Elas referem-se a todo tipo de realidade, utilizando um código poético que as diferencia das obras lógicas, discursivas, científicas ou similares.

Parece que o progressivo acesso aos modos racionais de adquirir a informação, não elimina os modos intuitivos, a-históricos, ou anti-históricos, ilógicos e irrealis, na mesma linha do mito, da lenda ou da fantasia. Por mais racional que seja, o homem é um animal, o único animal que precisa ouvir histórias. Nestas histórias que podem ter

diversas formas (relatos, poemas, dramas, cartas) o homem entende, através de sucessivas interpretações, os diversos conteúdos que o configuram como ser sexuado, social e histórico. Allende (1987, p. 208).

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, a literatura tem grande importância e é um modo discursivo entre vários (o jornalístico, o científico, o coloquial, etc.). O discurso literário decorre, diferentemente dos outros, de um modo de construção que vai além das elaborações linguísticas usuais, porque de todos os modos discursivos é o menos pragmático, o que menos visa a aplicações práticas. Uma de suas marcas é sua condição limítrofe, que outros denominam transgressão, que garante ao participante do jogo da leitura literária o exercício da liberdade, e que pode levar a limites extremos as possibilidades da língua:

E nisso reside sua função maior no quadro do ensino médio: pensada (a literatura) dessa forma, ela pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo. Osakabe (2004 apud LINGUAGENS, códigos e suas tecnologias 2008, p. 49)

Podemos nos questionar porque aplicar a literatura no Ensino Médio, de que modo ela vai contribuir com os jovens para melhorar a leitura e a escrita deles. Então voltemos um pouco no tempo, pois esta disciplina, era um dos pilares da formação burguesa humanista, sempre gozou de status diante as outras, era privilégio somente da uma elite que comandava os destinos da nação. A Literatura passou a ser tão valorizada que chegou a ser tomada como sinal distintivo de cultura e de classe social, não estava ao alcance dos pobres e ignorantes da época. É natural que ela esteja incluído no currículo, estimula a cultura do aluno, seu pensamento e conhecimento de mundo, principalmente se o professor tiver uma metodologia ampliada de recursos, para trabalhar a literatura de modo dinâmico.

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto. Eco (2003, p. 12 apud LINGUAGENS, códigos e suas tecnologias 2008, p. 67).

A leitura do texto literário provoca reações, estímulos, experiências diferentes e variadas, dependendo da história de cada indivíduo, pois este faz involuntariamente, no processo de leitura, comparações com sua vida, no momento em que se identifica com alguma parte de algum texto literário. E cada um poderá interagir de modo diferente com uma obra em outro momento de leitura do mesmo texto. Isso fica muito evidente quando assistimos a um filme ou a uma peça de teatro, por exemplo.

É sempre importante salientar o papel do professor em sala de aula e de que modo ele contribui para a aprendizagem de seus alunos, de acordo com o texto do livro *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* (2008, p. 72) “o estatuto do leitor e da leitura, no âmbito dos estudos literários, leva-nos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares de leitura literária. A condição de leitor direciona, em larga medida, no ensino da Literatura, o papel dos mediadores para o funcionamento de estratégias de apoio à leitura da Literatura, uma vez que o professor opera escolhas de narrativas, poesias, textos para teatro, entre outros de diferentes linguagens que dialogam com o texto literário”.

A LDBEN nº 9.394/96 significou um grande avanço, como se pode ver nos objetivos a serem alcançados pelo ensino médio no Art. 35, como podemos observar nos incisos: I) consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; II) preparação básica para o trabalho e para a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III) aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.(LDBEN, 1996). O ensino de Literatura (e das outras artes) visa ao cumprimento do Inciso III dos objetivos estabelecidos para o ensino médio segundo a referida lei.

O livro de Leila Lauar Sarmiento de língua portuguesa do 3º ano do Ensino Médio “Português: literatura, gramática, produção de texto”, enfatiza, no estudo da literatura, a relação entre o contexto histórico e cultural e os movimentos literários. Aborda também a literatura portuguesa e sua importância para a literatura brasileira,

porque foi aos poucos que a produção literária do Brasil foi adquirindo características próprias.

Podemos observar textos sobre o modernismo em Portugal, com imagens de obras plásticas como a pintura a óleo “A rua entra na casa” de Boccioni, e um pouco sobre as revoluções artísticas. Retrata também a prosa brasileira, a poesia e o teatro depois de 1945, com trechos de obras como “Vinte contos menores” de Trevisan. Além da origem da literatura africana de língua portuguesa.

O livro traz várias abordagens literárias válidas e importantes, o problema é a concisão dos textos trabalhados nos livros do Ensino Médio, o aluno só irá ter um estudo mais aprofundado se cursar Letras, do contrário deixará de conhecer a literatura de forma mais proveitosa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero com este estudo ter esclarecido os pontos essenciais sobre o uso da literatura em sala de aula, de modo que contribua para a compreensão de textos e o ensino de leitura no Ensino Médio, visando a auxiliar o entendimento sobre as atividades sócio-comunicativas e o uso da língua.

O assunto não deve ser esgotado, porque o contexto do universo da literatura é evidentemente amplo, de forma que após a pesquisa possam surgir inúmeras ramificações a serem compreendidas e abordadas como novos temas para futuros trabalhos acadêmicos. O estudo serviu além de tudo como esclarecimento sobre a história do ensino, bem como verificar as mudanças que ele sofreu ao passar dos anos, pensando criticamente na melhor forma de trabalhar a literatura em sala de aula, para que haja melhorias no aprendizado da leitura e da escrita.

A literatura favorece à interação, por meios de textos orais ou escritos. O texto é o elemento básico com que devemos trabalhar no processo de ensino de qualquer disciplina. É através do texto que o usuário da língua desenvolve a sua capacidade de organizar o pensamento, o conhecimento e de transmitir ideias, informações, opiniões em situações comunicativas. Pode-se dizer assim que, sobretudo, no ensino de língua portuguesa, os constantes desafios encontrados pelo professor são: compreender o texto como um produto histórico-social, relacioná-lo a outros textos já lidos e ouvidos e admitir a multiplicidade de leituras por ele suscitadas.

Sendo assim, com esse estudo consolidado o pensamento inicial que era de que modo a inserção da literatura favorece o ensino da leitura e da escrita. Ressaltando a importância do ensino de literatura para a comunicação, expressão da linguagem e demonstrando como o uso dela pode ser favorável ao trabalho em sala de aula, estimulando os alunos a aprimorar a sua escrita e o gosto pela leitura.

5 REFERÊNCIAS

ALIENDE G., Felipe. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento/** Felipe Aliende G. e Mabel Condemarin G.; trad. de José Cláudio de Almeida Abreu-Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

COLOMER, Teresa. **Ensinar a ler, ensinar a compreender/** Teresa Colomer e Anna Camps; trad. Fátima Murad-Porto Alegre: Artmed, 2002.

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação:** conversas de Emília Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa María Torres/ Emília Ferreiro; trad. Ernani Rosa-Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

LINGUAGENS, códigos e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Básica- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.239p.(Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

SARMENTO, Leila Lauer . Português: literatura, gramática, produção de texto/ Leila Lauer Sarmiento, Douglas Tufano.-São Paulo, Moderna, 2010.